



FITEI

Teatro dos esquecidos

Meia dúzia de estreias, duas dezenas de espetáculos, cinco dos quais de companhias estrangeiras, vindas do Brasil, México, Chile, Argentina e Espanha, no Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica (FITEI), que decorre, no Porto, de 12 a 22 deste mês. É a 41.^a edição de um dos mais antigos e importantes festivais do país, que este ano se vai desenrolar sob o tema "Empoderamentos". Porque, como diz o diretor artístico, Gonçalo Amorim, ao JL, é preciso refletir sobre "os que são

MARIA LEONOR NUNES

❑ Poéticos e políticos são os espetáculos que, a partir de 12, passam pelos palcos do FITEI, sempre com uma "dimensão crítica sobre o mundo", como adianta ao JL Gonçalo Amorim, diretor artístico do Teatro Experimental do Porto (TEP) e do festival.

Essa é, aliás, uma marca da programação, com uma lógica de espetáculos que se cosem entre si, debates e detalhes de festa, como o concerto do cabo-verdiano Julinho da Concertina, afinado numa escala que ninguém toca (a 16, às 23h30, no Guindalense FC). E a escolha do tema desta 41.^a edição, *Empoderamentos*, não deixa margem para dúvidas. Porque o FITEI não esquece os "mais esquecidos".

Em vários espaços do Porto, apresentam-se 20 criações portuguesas e estrangeiras, seis das quais em estreia, com destaque para a criação no feminino, com quatro encenadoras. É o caso de *Longe*, de Raquel S, logo a abrir o programa, a 12 e 13, no auditório do Teatro do Campo Alegre (TCA); mas igualmente de *De onde vens?*, de Ana Luena, a 16, no Rivoli, a partir de Mohammed Dib, para equacionar a questão dos refugiados; E de *Bela Adormecida*, de Diana de Sousa, com texto e dramaturgia de Rui Pina Coelho, a 21, ambos no Teatro Rivoli (TR). "Não é comum haver tantas estreias de criações femininas, apesar de, desde que estou na direção, ter sempre a preocupação de trazer criadoras", salienta. "No ano passado tivemos algumas já destacadas e premiadas, Lola Arias, Marlene Monteiro Freitas e Joana Craveiro, este ano são mais jovens, mas têm no FITEI um lugar para estreiar as suas obras".

Por outro lado, a performance de Bonneville, a 14 e 15, no salão nobre do Palácio do Bulhão (PB), e a encenação de Nuno M. Cardoso, a partir de Frank Wedekind, de *Lulu*, a 13 no Teatro Carlos Alberto (Teca), são espetáculos que abordam a



Walking With Kylián. Never Stop Searching Coreografia de Paulo Ribeiro

temática da mulher e da identidade feminina (ver textos junto).

Outra estreia a assinalar, no Teatro Sá de Miranda (TSM), em Viana do Castelo, a 21, é *Nada de Mim*, de Arne Lygre, com encenação e cenografia de Pedro Jordão, uma coprodução dos Artistas Unidos e do Teatro do Noroeste.

CONSCIÊNCIA DO MUNDO

Do Brasil, para a abertura do FITEI, a 12, no grande auditório do Teatro Rivoli, virá *Caranguejo Overdrive*, da Aquela, uma jovem companhia, dirigida por Marco André Nunes e Pedro Kosovski. "Eles fazem um trabalho de escrita para a cena muito interessante e abordam uma série de temas explosivos na sociedade brasileira, como o racismo, a opressão e a violência nas cidades", adianta Gonçalo Amorim. "Passa-se durante a guerra do Paraguai, no séc. XIX, centrando-se na figura de um soldado, que regressa ao mangue, no Rio de Janeiro, onde antes apanhava caranguejos. Essa guerra é um dos momentos mais negros da história brasileira e o espetáculo, muito bonito e bem arquitetado, levanta uma série

de questões sobre o modo como os brasileiros, que foram vítimas do colonialismo, seriam capazes de ações tão violentas sobre um país vizinho", sustenta. "Fazem-no a partir da história de um desses soldados que de regresso já não conhece a cidade, que entretanto cresceu e avançou para os lamaçais, dos caranguejos e mangueiras. E falam do crescimento das cidades e de como os seres humanos ficam perdidos nas selvas de betão". *Caranguejo Overdrive*, a 16, também na Casa das Artes de Felgueiras, é acompanhado com *manguebeat* ao vivo.

Uma reflexão sobre a condição humana, comum a outras peças que vão passar pelo FITEI. Exemplo disso é *Mendoza*, pelos mexicanos Los Colochos, a 20, no Teatro Nacional S. João (TNSJ) e a 22 no TSM, em Viana do Castelo. É uma leitura de *Macbeth*, de Shakespeare, adaptada à revolução mexicana de 1910. E surgiu na sequência de um laboratório de criação cénica. António Zúñiga e o encenador Juan Carrillo levaram o espetáculo aos bairros pobres das periferias da cidade do México e fizeram-no em casas,

pátios, cantinas, praças. "É muito mexicano, com toda agente a beber Corona no fim, e aborda as questões da ambição e do poder, como Macbeth. E é tão intenso que nos leva imediatamente para o México atual, para a violência, para os cartéis da droga", salienta Amorim.

Também do Brasil, virá *Altíssimo*, de Pedro Vilela, da plataforma Trema!, um festival do Recife, que dirige, a 18, no Cace Cultura. Trata-se de um monólogo que resulta de uma pesquisa que o encenador tem feito com o dramaturgo Alexandre dal Farra em torno do fenómeno das igrejas pentecostais brasileiras e do "comércio da fé". "Reflete sobre o modo como essas igrejas usam o espetáculo nos seus cultos, e fazem todo um 'teatro' para transmitir a sua mensagem", adianta ainda o diretor do FITEI.

Outro dos espetáculos estrangeiros será *A House In Asia*, do coletivo catalão Agrupación Señor Serrano, a 15 e 16, no Teatro Municipal Constantino Nery, Matosinhos.

Ao longo dos dez dias do FITEI, destacam-se ainda recém-estreadas criações como *Pulmões*, uma encenação de Luís Araújo, que também interpreta, contracenando com Maria Leite. Um espetáculo do Ao Cabo Teatro, com base em Duncan MacMillan, que equaciona as incertezas da sociedade contemporânea, focando as preocupações das novas gerações, a 16 e 17, na Sala do Tribunal, no Mosteiro de S. Bento da Vitória. E, a 15 e 16, no TR, *Great Yarmouth*, de Marco Martins, centrado na comunidade emigrante portuguesa naquela região do norte da Inglaterra, onde acabou de estreiar. Será ainda possível ver *(I) Migrantes*, pelo Teatro do Noroeste, a 13, no PB, com encenação de Graeme Pulley; *Walking With Kylián. Never Stop Searching*, a coreografia tributo de Paulo Ribeiro ao coreógrafo checo Jiří Kylián, de 14 a 16, no TNSJ; *Margem*, de Victor Hugo Pontes, com texto de Joana Craveiro, inspirado em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, a 16 e 17, no TCA; *Prelúdio: a mulher selvagem*, do Teatro da Didascália, encenada por Bruno Martins, com Catarina Gomes, Cláudia Berkeley, Daniela Marques, no café-concerto do Campo Alegre, a 19; a trilogia de teatro documental da Hotel Europa, Portugal não é um país pequeno, *Passaporte e Libertação*, uma reflexão sobre o fim do colonialismo português, criada por André Amálio, no TCA, a 20 e 21; Casimiro e Carolina, de Odon von Horváth, a 22, no TR.

PARABÉNS AO TEP

A assinalar os 65 anos do TEP, que se celebram justamente a 18, duas estreias simultâneas: *Teoria das Três Idades*, uma criação e interpretação de Sara Barros Leitão, no sub-palco do Rivoli, e *Caos Danado*, o documentário de Eduardo Breda, que parte precisamente da montagem do espetáculo, acompanhando o seu processo de construção, no

Pequeno Auditório do mesmo teatro. E ainda a inauguração de uma exposição, *O Arquivo do TEP, Poética e política*, na galeria da ESAP, uma mostra documental, com curadoria de Laura Castro, que reúne cartas, recortes de imprensa, registos da censura, atas, projetos. Fica patente ao público até 22. Um mergulho no arquivo da histórica companhia do Porto, tal como o espetáculo e o filme. "É um trabalho sobre a memória e como nos vemos a nós e aos outros, neste país", diz Amorim, salientando, por outro lado, que só uma equipa "aguerrida" e "persistente", como a do FITEI, consegue ultrapassar todas as dificuldades, decorrentes do atraso da atribuição dos subsídios oficiais, e levar o festival a bom porto.

Da equipa fazem parte três pessoas a tempo inteiro, além da direção da cooperativa que vai acompanhando o trabalho. No mês que antecede o festival, há um reforço de mais meia dúzia. São poucos, mas o dinheiro não permite mais, até porque tomaram a opção de não recorrer a voluntários. "O voluntariado até pode ser muito fixe, mas num contexto de total empregabilidade, de uma sociedade em que as pessoas têm rendimento, tempos livres, mas não faz sentido para tapar furos e fazer o trabalho de pessoas que por isso não se empregam", justifica Amorim.

Há um fazer de contas permanente que marca a vida do FITEI e que, de alguma maneira, também está na génese do prolongamento que o festival irá ter este ano. "Por questões orçamentais e para não desvirtuar o programa, achamos mais seguro passar duas atividades para esse período", explica. Assim, *Correo*, da jovem performer chilena Paula Aros Gho, construído a partir da pesquisa e de workshops com portugueses em torno da escrita epistolar, será apresentado a 14 e 15 de setembro, em Gaia De 7 a 14 de outubro, e *Yo escribo. Vos dibujás*, do argentino Federico Leó, uma residência artística com 29 atores, profissionais e amadores, do Porto. É um dos momentos de Isto não é uma Escola FITEI, que pretende apostar na "formação, aproveitando os criadores que apresentam os seus espetáculos para darem também workshops".

E além das oficinas, o festival propõe ainda sempre encontros com o público, depois dos espetáculos, um programa paralelo com escolas e a apresentação dos projetos - concertos, recitais de poesia, peças e exercícios - da comunidade teatral escolar, e um FITEI aberto que integra programação da própria cidade, como as 2.^{as} de *Poesia do Pinguim* e o *Tamanho M*, com curadoria de Manuela Monteiro e Ana Rocha, no Espaço Myra, discussões à volta do "Empoderamento das mulheres". Uma delas um encontro sobre os 23 anos da companhia Escola de Mulheres, de Fernanda Lapa. ■